

LETRAMENTO LITERÁRIO E O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL:

desafios e possibilidades para a construção de novos saberes.

Edivana Valéria Rosa Siqueira*

Rosiane Silveria Rodrigues Veloso**

RESUMO: É consenso entre os estudiosos e educadores que, por meio da leitura, o indivíduo se torna mais crítico diante da sociedade e de todas as questões que o cercam. Há um discurso prevalente de que é a escola a mais conceituada agência de letramento e, portanto, é a ela que a sociedade delega como uma de suas principais funções, a missão de oferecer um ambiente propício às práticas de leitura, em especial às literárias. Os documentos oficiais que tratam do currículo escolar determinam o trabalho com o letramento literário como eixo de relevância no Ensino Fundamental e, ao mesmo tempo, explicitam que a literatura é fator determinante para formação cidadã. Em oposição ao discurso uníssono acerca da importância da literatura e da formação leitora não raro, encontramos alunos desmotivados e insatisfeitos com as aulas de Língua Portuguesa, especialmente no que se refere à leitura de textos literários, por considerá-los complexos e de difícil compreensão. Neste artigo apresenta-se como questão fundante o resgate do letramento literário, como alternativa ao trabalho docente destinada à (re)aproximação do aluno dos anos finais do Ensino Fundamental à leitura em uma perspectiva de construção de sentidos, identificação de valores, identidade e identificação de características, que a partir de uma abordagem metodológica conduzem ao desenvolvimento de habilidades e competências ao processo da formação de leitores por fruição. Além disso, é necessário que a escola assuma a responsabilidade que lhe cabe nesse processo, pois é um dos poucos espaços em que as crianças e jovens têm acesso ao saber literário sistematizado e ampliado em prol da formação de leitores e sujeitos ativos em uma sociedade letrada.

Palavras-chave: Letramento literário. Ensino. Língua Portuguesa.

ABSTRACT: It is a consensus among scholars and educators that, through reading, the individual becomes more critical of society and all the issues that surround him. There is a prevailing discourse that the school is the most respected literacy agency and, therefore, it is to it that society delegates as one of its main functions, the mission of offering an environment conducive to reading practices, especially literary ones. The official documents dealing with the school curriculum determine the work with literary literacy as an axis of relevance in Elementary Education and, at the same time, explain that literature is a determining factor for citizenship education. As opposed to the unison discourse about the importance of literature and reading training, it is not uncommon for students to be unmotivated and dissatisfied with Portuguese language classes, especially with regard to reading literary

texts, as they are considered complex and difficult to understand. This article presents as a fundamental issue the rescue of literary literacy, as an alternative to teaching work aimed at (re)approaching students in the final years of Elementary School to reading in a perspective of construction of meanings, identification of values, identity and identification of characteristics, which from a methodological approach lead to the development of abilities and competences to the formation process of readers by fruition. In addition, it is necessary for the school to assume its responsibility in this process, as it is one of the few spaces in which children and young people have access to systematized and expanded literary knowledge in favor of the formation of readers and active subjects in a literate society.

Keywords: Literary literacy. Teaching. Portuguese language

INTRODUÇÃO

É consenso entre os estudiosos e educadores que, por meio da leitura, o indivíduo se torna mais crítico diante da sociedade e de todas as questões que o cercam. Há um discurso prevalente de que é a escola a mais conceituada agência de letramento e, portanto, é a ela que a sociedade delega como uma de suas principais funções, a missão de oferecer um ambiente propício às práticas de leitura, em especial às literárias.

Os documentos oficiais que tratam do currículo escolar, mais precisamente a Base Nacional Curricular Comum (BNCC), determinam o trabalho com o texto literário como eixo de relevância no Ensino Fundamental e, ao mesmo tempo, explicitam que a literatura é fator determinante para formação cidadã.

Em oposição ao discurso uníssono acerca da importância da literatura e da formação leitora não raro, encontramos alunos desmotivados e insatisfeitos com as aulas de língua portuguesa, especialmente no que se refere à leitura de textos literários, por considerá-los complexos e de difícil compreensão. Para delimitar o objeto de estudo toma-se relatos informais de professores da educação básica no que concerne a receptividade dos alunos às proposições de leitura de livros literários, percebendo-se quase uma unanimidade nas afirmações quanto a não demonstração de interesse dos alunos pelos textos e/ou livros literários que leem e que só o fazem para cumprir uma obrigação, ou seja, o ato de ler esse tipo de texto não representa prazer.

Os professores também relatam as dificuldades quanto à identificação das metodologias adequadas para o trato com o texto literário no Ensino Fundamental. Dessa forma, surgem questionamentos, tais como: Por que os alunos nos anos finais do Ensino Fundamental apresentam distanciamento dos textos literários? É por que não gostam, ou por não lhes fazer sentido? Qual a necessidade do trabalho com esses textos? O problema está no aluno ou na forma como a literatura é apresentada na escola? A solução está no próprio texto ou na abordagem que se faz?

Neste artigo apresenta-se como questão fundante o pouco envolvimento dos alunos dos anos finais do Ensino Fundamental com o letramento literário, partindo-se do pressuposto de que esses não conseguem construir e atribuir sentidos para o texto literário, demonstrando não se sentirem parte do mundo real ou fictício do autor pela forma como os textos são apresentados.

Assim, volta-se para a preocupação de resgate da importância dos textos literários, como alternativa ao trabalho docente destinada à (re)aproximação do aluno dos anos finais do Ensino Fundamental a esse tipo de leitura em uma perspectiva de construção de sentidos, identificação de valores, identidade e identificação de características de uma determinada época a partir de uma abordagem metodológica que condiz com as habilidades e competências que a literatura auxilia desenvolver aliadas ao processo da formação de leitores por fruição.

2 DEMANDAS DO LETRAMENTO LITERÁRIO PARA O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL.

A partir de 2008, a implementação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), mostrou às escolas a necessidade de refletir sobre as habilidades e diferentes aprendizagens que os estudantes precisam alcançar para sua formação em cada etapa da Educação Básica.

[...] a organização das práticas de linguagem [...] por campos de atuação aponta para a importância da contextualização do conhecimento escolar, para a ideia de que essas práticas derivam de situações da vida social e, ao mesmo tempo, precisam ser situadas em contextos significativos para os estudantes. (BRASIL/BNCC, 2018, p. 84).

Essa divisão possui a função didática de possibilitar a compreensão que os textos fazem parte não só da prática escolar, mas de toda a vida social, contribuindo para a organização do conhecimento sobre a língua. Além disso, ampliam a integração com as outras disciplinas, na medida que possibilitam a compreensão e articulação a outros campos do conhecimento.

Neste sentido, de forma específica, o *campo das práticas de estudo e pesquisa* tem o objetivo de ensinar o aluno a ler gráficos, interpretar textos de divulgação científica e entender termos técnicos, interagindo com as outras áreas do conhecimento. Esse campo atua de forma global no aprendizado, mostrando ao aluno que existem linguagens diversas e que cada uma delas têm sua coerência ao ser aplicada no contexto adequado. São alguns gêneros desse campo em mídia impressa ou digital: enunciados de tarefas escolares; relatos de experimentos; quadros; gráficos; tabelas; infográficos; diagramas; entrevistas; notas de divulgação científica; verbetes de enciclopédia.

Como um campo específico dos anos finais do Ensino Fundamental emerge o *campo jornalístico-midiático*, que se conecta com as práticas de leitura e produção do campo de

atuação na vida pública com o objetivo de ampliar o contato e o entendimento das crianças e jovens com a informação e opinião.

Pretende o campo *jornalístico-midiático* desenvolver a escuta, leitura e produção de textos, o interesse pelos fatos que acontecem na comunidade, cidade e no mundo e como eles afetam a vida das pessoas. Representam gêneros textuais desse campo: reportagem, reportagem multimidiática, fotorreportagem, foto-denúncia, artigo de opinião, editorial, resenha crítica, crônica, comentário, debate, vlog noticioso, vlog cultural, meme, charge, anúncio publicitário, propaganda, jingle, spot publicitário, etc.

O propósito do campo *artístico-literário* visa colocar o aluno em contato com textos literários e artísticos dando continuidade ao trabalho de formação originado nos anos iniciais, para instigar o gosto pela leitura, ampliando seu leque discursivo, busca favorecer a diversidade cultural e a inclusão de experiências estéticas ao ato de ler, por isso, deve estar presente em todo o Ensino Fundamental.

Constitui-se em um campo desafiador ao trabalho do professor, na medida em que estimula a construção de novos saberes docentes, contudo é de grande relevância aos alunos por se relacionar com aspectos peculiares da literatura. Definem como gêneros desse campo: lendas, mitos, fábulas, contos, crônicas, canções, poemas, romances, poemas visuais, cordéis, quadrinhos, tirinhas, charge/cartum, dentre outros.

Por fim, aborda-se o campo de *atuação na vida pública* que trabalha temas que impactam questões de cidadania e de coletividade, é ensinado por meio de habilidades tais como: compreensão dos direitos e deveres do cidadão, interpretação de leis e estatutos, entre outros. Assim, promover o contato com essas habilidades desde cedo pode ajudar no processo de transformação e cidadania. Logo, é fundamental que o aluno se insira na sociedade, aja de modo crítico, interaja positivamente e proponha soluções. Enquadram-se como gêneros textuais desse campo: notas; álbuns noticiosos; notícias; reportagens; cartas do leitor (revista infantil); comentários em sites para criança; textos de campanhas de conscientização; Estatuto da Criança e do Adolescente; abaixo-assinados; cartas de reclamação; regras e regulamentos.

Segundo a BNCC, a opção por esses campos segundo a BNCC, deu-considerou que

[...] eles contemplam dimensões formativas importantes de uso da linguagem na escola e fora dela e criam condições para uma formação para a atuação em atividades do dia a dia, no espaço familiar e escolar, uma formação que contempla a produção do conhecimento e a pesquisa; o exercício da cidadania, que envolve, por exemplo, a condição de se inteirar dos fatos do mundo e opinar sobre eles, de poder propor pautas de discussão e soluções de problemas, como forma de vislumbrar formas de atuação na vida pública; uma formação estética, vinculada à experiência de leitura e escrita do texto literário e à compreensão e produção de textos artísticos multissemióticos. (BRASIL/BNCC,2018, p.84)

Analisando-se essas novas configurações vale destacar que, para o ensino de Língua Portuguesa, mais importante do que ensinar ao aluno a estrutura ou a composição de um determinado gênero, é prepará-lo para atuar nas práticas de linguagem de acordo com o campo de atividade no qual o gênero está inserido. Na busca de consolidação desse processo, os textos devem ser utilizados para explorar as características do campo e do gênero em que estão inseridos, as ações desenvolvidas, os agentes, os interesses e os conflitos presentes na construção textual.

Diante disso, a BNCC (2018), determina como proposta atualizada para o ensino de Língua Portuguesa

[...] a centralidade do texto como unidade de trabalho e as perspectivas enunciativo-discursivas na abordagem, de forma a sempre relacionar os textos a seus contextos de produção e o desenvolvimento de habilidades ao uso significativo da linguagem em atividades de leitura, escuta e produção de textos em várias mídias e semioses [...] Ao componente Língua Portuguesa cabe, então, proporcionar aos estudantes experiências que contribuam para a ampliação dos letramentos, de forma a possibilitar a participação significativa e crítica (BRASIL/BNCC, 2018, p.67)

Sendo assim, é nesse sentido que o letramento literário nos anos finais do Ensino Fundamental ganha espaço. A BNCC também propõe lançar um olhar multicultural para a seleção das obras e/ou textos literários, fazendo apresentar as literaturas indígenas, africanas, afro-brasileiras, latino-americanas e, de literatura universal, autores clássicos ou contemporâneos que incrementam o acervo que deve estar à disposição dos alunos do 6º ao 9º anos com a missão voltada para formar leitores que conseguem mergulhar nas várias camadas de sentido do texto, embrenhando-se nas inúmeras vozes que as compõem para, não só dominar esse tipo de escuta e escrita literária, mas também associar seus personagens, dramas/conflitos com empatia, construindo e identificando valores de uma época, comparando-os ao seu cotidiano, de forma a se fazer ouvir.

O Eixo Leitura compreende as práticas de linguagem que decorrem da interação ativa do leitor/ouvinte/espectador com os textos escritos, orais e multissemióticos e de sua interpretação, sendo exemplos as leituras para: fruição estética de textos e obras literárias; pesquisa e embasamento de trabalhos escolares e acadêmicos; realização de procedimentos; conhecimento, discussão e debate sobre temas sociais relevantes; sustentar a reivindicação de algo no contexto de atuação da vida pública; ter mais conhecimento que permita o desenvolvimento de projetos pessoais, dentre outras possibilidades. (BRASIL/BNCC, 2008, p.71)

Assim, ao considerar os textos literários em meio às práticas de letramento, destacando seus aspectos culturais, históricos, linguísticos e semióticos. É necessário pensar a escola como espaço leitor e produtor de literatura e não reproduzidor de práticas de ensino que engessam o texto literário, diminuindo sua abrangência significativa e sua capacidade criadora de mundos.

Nesse processo de construção, surge o desafio de contribuir para a formação de leitores e produtores de literatura, sendo para isso primordial que o professor rompa barreiras da leitura do texto literário, construindo novos saberes e considerando sua constituição multissemiótica em seu caráter provocador ante às questões sociais subversivas da própria linguagem, de modo que o aspecto histórico seja levado em conta, mas não tratado com exclusividade.

As atividades de sala de aula com textos literários não devem se limitar, exclusivamente, ao “deleite” no ato de ler. Logo, cabe ao professor, ao desenvolver metodologias que abarque o ensino de língua portuguesa com textos literários, pensando sobre o que pode dizer sobre uma sociedade, suas ideologias, estereótipos criados, ou seja, entendê-la em seu aspecto mais amplo e proximal à realidade do leitor.

Para Candido (2004), o que a literatura conhece dos homens constitui o estrago da linguagem. A literatura rompe o limite da própria linguagem, de tal forma que o homem, ao adentrar a tessitura do texto literário, precisa perceber suas implicações sociais, políticas e estéticas.

Ao se pensar sobre o ensino de Língua Portuguesa e o letramento literário cabe levantar uma interrogação a respeito desse tipo de leitura: qual a finalidade do trabalho docente com os textos literários na sala de aula? Respondendo a essa indagação para além do que já foi dito, importa refletir sobre a relação entre literatura e ensino, a abordagem dada ao texto literário e as metodologias desenvolvidas para a sua leitura.

Daí tem-se o que vai delineando a preocupação, no tocante a proposta de ensino de Língua Portuguesa mediante o viés da leitura do texto literário. Sob essa égide, é essencial que o trabalho docente oportunize a formação do leitor crítico e competente, não necessariamente do texto literário, mas também que o aluno se valha desse instrumento para a construção dos sentidos imanentes do texto e, dessa forma poder intervir na realidade cultural em que se insere. Segundo Cosson (2018), acredita-se que o letramento literário nos anos finais do Ensino Fundamental não pode estar reduzido a uma espécie de leitura deleite dos anos iniciais, nem tampouco para fins da consolidação da escrita ou da competência leitora nos anos finais.

Esta abordagem dos textos literários corrobora, pois, com a formação das humanidades, à medida em que o contato com obras diversas é fomentado. A partir do texto literário, o aluno tem a possibilidade de construir teorias de conhecimentos observando seus aspectos como elemento cultural, histórico e socialmente construído.

Percebendo-se o processo de outro ângulo, pode-se conceber que os textos literários não podem ter seu ensino condicionado por outros componentes curriculares. Esses precisam ser estudados em seu aspecto provocador de novos significados, de subversão da própria linguagem, de (re)criação de mundos possíveis a partir da projeção imaginária desenvolvida pelo ser humano a partir do processo de leitura. Neste sentido, Cosson (2010, p.45) afirma que “a literatura é, sem dúvida, um dos caminhos. É a partir dela que a escola poderá desenvolver no aluno as competências da leitura e da escrita”.

O trabalho em sala de aula com o letramento literário pode instigar professor e alunos a se aproximarem e se distanciar em um movimento contínuo de leitura, que se diferenciam entre si, mas se imbricam no sentido da construção da personalização singular e, ao mesmo tempo, universal do leitor. A sala de aula transforma-se em um ambiente dinâmico e instigador para desenvolvimento das relações sociais humanizadas.

Para Perissé (2006, p. 29), “os singulares se encontram no aprofundamento do patrimônio linguístico a que todos devemos ter acesso, e que todos podem enriquecer”. É justamente esse enriquecimento que ocorre ao se desenvolver um trabalho que reconheça o aspecto humanizador da literatura, como bem argumenta Candido (2004):

[...] Analisando-a, podemos distinguir pelo menos três faces: (1) ela é uma construção de objetos autônomos como estrutura e significados; (2) ela é uma forma de expressão, isto é, manifesta emoções e a visão do mundo dos indivíduos e dos grupos; (3) ela é uma forma de conhecimento, inclusive como incorporação difusa e inconsciente. (CANDIDO, 2004, p. 176).

Nesse contexto, o professor contribui para a formação do leitor literário promovendo a apreciação estética, em abordagens de leitura diversas, de modo que o contato com o texto seja garantido primordialmente aos alunos/leitores. Tal perspectiva é apresentada na BNCC, ao discorrer sobre o campo artístico-literário:

[...] O que está em jogo neste campo é possibilitar às crianças, adolescentes e jovens dos Anos Finais do Ensino Fundamental o contato com as manifestações artísticas e produções culturais em geral, e com a arte literária em especial, e oferecer as condições para que eles possam compreendê-las e fruí-las de maneira significativa e, gradativamente, crítica. (BRASIL/BNCC, 2018, p. 156).

Sendo assim, além da relação entre literatura e ensino, cabe discutir também o tratamento dispensado ao texto literário no ambiente da sala de aula. Como apresentado anteriormente, na BNCC o texto literário tem sua abordagem desenvolvida na perspectiva do letramento literário, já que o foco do trabalho docente está centrado nas leituras que garantem o posicionamento crítico do leitor, diante da realidade recriada literariamente e daquela em que o aluno se insere no cotidiano.

Assim, para Cosson (2018),

[...] é necessário que o ensino da Literatura efetive um movimento contínuo de leitura, partindo do conhecido para o desconhecido, do simples para o complexo, do semelhante para o diferente, com o objetivo de ampliar e consolidar o repertório cultural do aluno. (COSSON, 2018, p. 47-48).

Para efetivar sua prática, o professor deve considerar a palavra que humaniza, a crítica, a teoria e a história literária, bem como o prazer de ler. Ler o texto literário requer a apropriação dos constituintes textuais (características do gênero, especificidades linguísticas), dos elementos contextuais e das relações intertextuais. Certamente, esse processo

favorece a construção dos sentidos das obras, oportunizando a percepção das humanidades construídas, inclusive no universo intratextual.

A fim de garantir a leitura do texto literário, o leitor protagoniza os movimentos de compreensão e interpretação dos textos, considerando as relações entre textos, as imbricações de elementos específicos da linguagem, a influência dos fenômenos e fatos socio-culturais que permeiam a tessitura literária. Desse modo, o leitor desenvolverá capacidades para refutar ideias ou concordar com comportamentos, posicionamentos, ideologias expressas, a partir da ficção ou da poesia.

“O espaço da literatura em sala de aula é, portanto, um lugar de desenvolvimento da obra que confirma ou refaz conclusões, aprimora percepções e enriquece o repertório discursivo do aluno” (COSSON, 2010, p. 59). Isso sugere um tratamento dado ao texto literário na perspectiva da leitura, desde que considerados os aspectos semióticos inerentes à própria linguagem literária, de modo que favoreça o diálogo da obra com o leitor. Esse leitor ao acionar seus conhecimentos pertinentes aos contextos, recria as realidades atualizadas no universo literário, relacionando-as ao seu entorno sociocultural.

Com efeito, o trabalho docente depende de metodologias que oportunizem o aluno/leitor a debruçar-se sobre o dito e, ao mesmo tempo, sobre como é dito, haja vista que a literatura se apresenta essencialmente como um elemento constitutivo da linguagem. Como bem expõe Cosson (2018, p. 29), “o segredo maior da literatura é justamente o envolvimento único que ela nos proporciona em um mundo feito de palavras”.

Certamente, no encontro com as palavras, na descoberta de sentidos e significados, o leitor se reconhecerá em sua humanidade indo ao encontro de mundos possíveis e sensíveis. A leitura de mundos imbricados torna possível o fluir da (re)descoberta dos seres na intersecção dos conhecimentos constituídos, como fenômeno cultural.

É sob esse viés que Perissé (2006, p. 110) reflete a relação entre poesia e humanidade, “na pele das palavras tocamos o que há de mais profundo, nossa condição de seres terrosos, nós que nascemos da terra, gênero humano, húmus, e à terra voltaremos, revoltados ou serenos”. Ou seja, as leituras realizadas no contato com o outro favorecem a percepção e a construção das identidades do “gênero humano”, colaborando para o seu aprendizado de ser e de conviver na “Terra”.

Portanto, o letramento literário pode oportunizar, a liberdade da descoberta desde que, em sala de aula, o trabalho de leitura do texto literário respeite os movimentos de encontro dos mundos possíveis. Esse trabalho poderá garantir a testagem das aprendizagens desenvolvidas junto ao outro, a partir do contato com o texto, já que o conhecimento de novas experiências também os humaniza e transforma.

Essas configurações para o ensino de Língua Portuguesa, que trazem o letramento literário como ferramenta necessária, podem colocar o professor em uma situação de desconforto mediante aquilo que ele já sabe fazer com eficiência e bons resultados a exemplo,

do trabalho de leitura e de interpretação de textos. Conforme Imbernón (2011), apresenta-se a necessidade de aquisição constante de conhecimentos pelo professor, sendo um processo amplo e não linear,

[...] a mudança nas pessoas, assim como na educação, é muito lenta e nunca linear. Ninguém muda de um dia para o outro a pessoa precisa interiorizar, adaptar e experimentar os aspectos novos que viveu em sua formação. A aquisição de conhecimentos deve ocorrer da forma mais interativa possível, refletindo sobre situações práticas reais. (IMBERNÓN, 2011, p.16)

Sendo assim, pergunta-se: não é interessante trabalhar com alunos que consigam expressar seus pensamentos e opiniões a partir do que leem? Ou ainda, fomentar o protagonismo dos alunos, na medida em que a capacidade deles é ativada ao compreender e manifestar conteúdos e significados sobre aquilo que lê? Essas são contribuições que o letramento literário nas salas de aula pode proporcionar e desafiam o professor de Língua Portuguesa a buscar elementos que os tornem atrativos, para além de uma leitura deleite.

Das questões e relações estabelecidas sobre o ato de ensinar emerge a necessidade de valorização desses personagens e suas influências. Imbernón (2011) enfatiza a grande importância que essas prerrogativas têm para a profissão professor e o ensino,

[...] a aprendizagem da relação, a convivência, a cultura do contexto e o desenvolvimento da capacidade de interação de cada pessoa com o resto do grupo, com seus iguais e com a comunidade envolve e enriquece a educação [...]. Hoje, a profissão já não é a transmissão de um conhecimento acadêmico ou a transformação do conhecimento comum do aluno em um conhecimento acadêmico. A profissão exerce outras funções: motivação, luta contra a exclusão social, participação, relações com estruturas sociais, com a comunidade, e isso requer uma nova formação: inicial e permanente. (IMBERNÓN, 2011, p. 14)

Nesse cenário, a escola, em especial o professor, não pode restringir o letramento literário apenas como pretexto para análises metalinguísticas, nem negar seu espaço em detrimento de novas tecnologias que coexistem em sala de aula, deve sim, utilizá-lo como uma fonte valiosa de promoção dos conhecimentos a serem desenvolvidos no âmbito da escola, articulando-os com a comunidade/realidade em que estão inseridos, estabelecendo comparativos que ajudem os alunos a desvendar valores, pensamentos de uma época ou da atualidade, necessidades e demandas dos indivíduos e do contexto social e cultural.

3 O DOCENTE, O LETRAMENTO LITERÁRIO E A FUNDAMENTAÇÃO DO FAZER.

O letramento literário no contexto do Ensino Fundamental e a formação do hábito de leitura tem motivado discussões e a necessidade de aperfeiçoamento dos profissionais de Língua Portuguesa. Na prática, percebe-se que as aulas do referido componente curricular nos anos finais do Ensino Fundamental ainda não têm dado conta de abarcar toda essa carga de responsabilidade, principalmente no que se refere à formação para o atendimento a esse requisito e/ou necessidade leitora dos textos literários.

Como em qualquer outro conteúdo, o letramento literário necessita de metodologia. Segundo Zilberman (2005),

[...] uma pedagogia da leitura que objetiva a transformação do leitor e, através deste, da sociedade, dificilmente se funda na descrição da estrutura do(s) texto(s). Mais do que isso, uma pedagogia da leitura de cunho transformador propõe, ensina e encaminha a descoberta da função exercida pelo(s) texto(s) num sistema comunicacional, social e político. (ZILBERMAN, 2005, p.115).

Admite-se que, o manuseio de textos literários pode alargar horizontes, na medida em que oferece ao leitor o convívio com obras que podem ajudar a justificar e refletir sobre sua condição social, dando-lhe a oportunidade de estabelecer intercâmbio com o texto, vivenciando particularmente o mundo criado pelo imaginário.

Assim, a leitura literária adquire um caráter formativo que difere de uma função estritamente didática, pois pode propiciar elementos para a emancipação pessoal, fazendo com que o leitor tenha um maior conhecimento do mundo e do seu próprio ser, por meio da fantasia criada pelo escritor. Nessa interação entre o texto e o leitor é fundamental o papel do professor, pois ele é o principal responsável pelo ensino da leitura na escola.

Para tanto, o professor precisa estar fundamentado em teorias que o ajudem a pensar práticas pedagógicas para o letramento literário na escola. O primeiro passo para que isso ocorra é a conscientização, tanto por parte do aluno, quanto do professor de que a leitura, nesse caso, particularmente a leitura de textos literários, é uma das formas de aquisição de conhecimento e gostar de ler é um processo: não se nasce gostando e pode-se desenvolver o gosto pela leitura e aprender.

Esse tal processo requer procedimentos didático-pedagógicos que levam o leitor a perceber que há um percurso até chegar ao objetivo, e que o prazer de ler é construído na medida em que ele vai superando as dificuldades, avançando e se constituindo como sujeito, criando relações entre situações reais e situações de pensamento.

Os alunos precisam ter contato com o letramento literário em sala de aula, num processo que não pode ser feito de forma aleatória e desvinculada de um objetivo. Torna-se necessário planejar as aulas e usar estratégias que sirvam para despertar o interesse de crianças e de adolescentes permitindo-lhes superar as limitações e avançar constantemente no processo de amadurecimento como leitores e como pessoas, cabendo ao professor exercer o papel de mediador no desenvolvimento da construção de saberes.

A esse respeito, Magnani (1991) afirma que

[...] se o gosto se aprende, pode ser ensinado. A aprendizagem comporta uma face não-espontânea e pressupõe intervenção intencional e construtiva. Assim, o professor tem um importante papel a desempenhar no desenvolvimento de seus alunos/leitores. (MAGNANI, 1991, p.104)

Se o gosto se forma na aprendizagem escolar, reforça-se que o professor tem papel imprescindível nesse processo. Além do planejamento, é necessária uma intimidade com as obras literárias, adquiridas a partir do gosto de ler, primeiramente do professor, que será o principal mediador entre leitor e a obra. Sobre essa aprendizagem e a função docente no processo, Imbernón (2011) determina que

[...] um fator importante na capacitação profissional é a atitude do professor ao planejar sua tarefa docente não apenas como técnico infalível e sim como facilitador da aprendizagem, como um prático reflexivo, capaz de provocar a cooperação e participação dos alunos. (IMBERNÓN, 2011, p. 43)

Com isso, ao fazer com que a obra literária chegue até o aluno e ao planejar estratégias para esse trabalho, o professor contribui para que os conteúdos básicos da leitura, escrita, oralidade e análise linguística estejam interligados e não isolados, além de facilitar aos alunos o acesso a diversos gêneros textuais.

Assim, os alunos serão capazes de perceber que há um percurso a ser realizado, chegar ao objetivo, estando presente o prazer de ler na superação, na responsabilidade e na consciência de que leitura demanda esforço. Para a leitura de textos literários propõe-se que se pense o ensino a partir dos pressupostos teóricos da Estética da Recepção, que tem como fundamento central a ideia de que nenhuma obra está imune às determinações históricas, às condições de recepção a que está exposta, com o passar do tempo.

A elaboração da teoria da Estética da Recepção é um acontecimento histórico que toma amplitude a partir das teses de Hans Robert Jauss em 1971, o autor constitui-se em um pensador que desempenhou papel de destaque no desenvolvimento da Escola de Constança, seguindo os passos de seu mestre, Gadamer.

Jauss, com seu programa de reabilitar metodologicamente os estudos de história da literatura, transformando-a no fundamento para a formulação de uma teoria da literatura equidistante do estruturalismo e do marxismo, encontra em Gadamer um de seus principais guias e modelos. Como o mestre, recupera a história como base do conhecimento do texto; e, igual ao outro, “pesquisa seu caminho por uma via que permite trazer de volta o intérprete ou o leitor, sua defesa predileta na luta intelectual contra as correntes teóricas indesejadas” (ZILBERMAN, 2004, p.12).

De acordo com a Estética da Recepção o autor, embora seja o produtor do texto, ou seja: aquele que articula linguisticamente ideias, sentimentos, posições, não controla o(s) sentido(os) que sua produção pode suscitar. Segundo Zaponne (2004), o autor não é mais o “dono” do sentido dado ao texto, nem pelos leitores, nem pelos responsáveis por editar ou transformar um objeto em original que vai ser lido.

O conceito de historicidade da teoria recepcional consiste na relação de sistemas de eventos comparados num aqui-e-agora específico: a obra é um cruzamento de apreensões que se fizeram e se fazem dela, nos vários contextos históricos em que ela ocorreu e no “agora” em que é estudada. De acordo com Aguiar; Bordini (1993),

A recepção é concebida, pelos teóricos alemães da escola de Constança, como uma concretização pertinente à estrutura da obra, tanto no momento da sua produção como no da sua leitura, que pode ser estudada esteticamente, o que dá ensejo à denominação da teoria da Estética da Recepção. A valorização das obras se dá na medida em que, em termos temáticos e formais, elas produzem alteração ou expansão do horizonte de expectativas do leitor por oporem-se às convenções conhecidas e aceitas por esse. Uma obra é perene enquanto consegue continuar contribuindo para o alargamento dos horizontes de expectativas de sucessivas épocas. (Aguiar; Bordini, 1993, p.82)

O processo de recepção se completa quando o leitor, tendo comparado a obra emancipatória ou conformadora com a tradição e os elementos de sua cultura e de seu tempo a inclui ou não, como componente de seu horizonte de expectativas, mantendo-o como era ou preparando-o para novas leituras de mesma ordem e para novas experiências.

Quanto mais leituras o indivíduo acumula maior a propensão para a modificação de seus horizontes, porque a excessiva confirmação de suas expectativas produz monotonia, que a obra mais complexa tem o poder de quebrar. A respeito disto, Zappone (2004) afirma

[...] Seja individualmente, seja coletivamente, o leitor é a instância responsável por atribuir sentido àquilo que lê. A materialidade do texto, o preto no branco do papel só se transforma em sentido quando alguém resolve ler. E assim, os textos são lidos sempre de acordo com uma dada experiência de vida, de leituras anteriores e num certo momento histórico, transformando o leitor em instância fundamental na construção do processo de significação desencadeado pela leitura de textos (sejam eles literários ou não). (ZAPPONE, 2004, p.136)

Zilberman (2004) aponta que toda obra está sujeita ao horizonte de expectativas de um público, ou seja, texto e leitor fazem parte de horizontes históricos distintos que precisam se fundir para que a comunicação ocorra. O processo de recepção se inicia antes do contato do leitor com o texto e esse possui um horizonte que o limita, mas que pode se transformar continuamente, expandindo-se para novas descobertas e expectativas.

Portanto, a obra é valorizada tendo em vista o modo como é recebida pelos leitores das diferentes épocas em que é lida e apreendida. Dessa forma, supera-se a ideia de que uma obra esteja vinculada apenas ao seu contexto original. A valorização da experiência estética, que confere ao leitor um papel produtivo e resulta da identificação que decorre do texto lido, enfatiza a ideia de que uma obra só pode ser julgada do ponto de vista do relacionamento com seu destinatário.

Os valores não estão prefixados, o leitor não tem de reconhecer uma essência acabada que preexiste e prescinde de seu julgamento. Pela leitura ele é mobilizado a emitir um juízo, fruto de sua vivência do mundo ficcional e do conhecimento transmitido. (ZILBERMAN, 2004, p.110)

O reconhecimento dos procedimentos textuais que atraem o leitor a um texto literário se dá por uma tomada de consciência da distância entre a própria visão de mundo e

a obra, facilitada pela análise de sua composição estética ou ideológica. Isso requer certa formação do leitor, que o familiarize com as normas de produção dessa espécie de obra.

O texto literário é uma obra de natureza complexa, resultante de intenções, operações linguísticas e produção de sentidos que colocam em jogo o uso da linguagem além da referencialidade. A literatura implica reconhecer, entender e fruir elementos de natureza expressiva, conativa e poética que destacam o espaço da manifestação literária como aquele que exige do seu leitor muito mais participação do que aquela requerida em processos de interação verbal que destacam sobremaneira a função referencial da linguagem. (GUIMARÃES e BATISTA, 2012, p.21)

O horizonte de expectativa do leitor aumenta na medida em que ele avança em seu nível de leitura; a cada novo texto, a cada nova obra, aumentam as possibilidades de maior diálogo com o texto e com tudo que esse pode acrescentar, independentemente da época e do contexto histórico em que tenha sido escrito.

O processo de recepção textual, portanto, implica na participação ativa e criativa daquele que lê, sem com isso sufocar a autonomia da obra e a mensagem que ela referencia. Por tudo isso, pode-se afirmar que o gosto pela leitura literária e que a aprendizagem escolar por meio deles desempenha importante função no desenvolvimento do aluno leitor.

Aliado a isso,

[...] a escola deve deixar de ser “um lugar”, para ser uma manifestação de vida em toda sua complexidade, em toda sua rede de relações e dispositivos, com uma comunidade educativa, que mostra um modo institucional de conhecer e querer ser. [...] A qualidade da instituição educativa depende da qualidade dos alunos por meio de suas contribuições à sociedade, da qualidade do que se aprendeu e da forma de aprendê-lo. (IMBERNÓN, 2011, p. 108)

Deve-se trabalhar o letramento literário de forma organizada e planejada dando-lhe o merecido valor e oportunizando ao aluno um real encontro com obras literárias proporciona, tanto ao professor quanto ao aluno, um trabalho prazeroso no sentido de se avançar para o difícil e ampliar os horizontes de expectativas dos alunos.

Guimarães e Batista (2012) partem do princípio de que

[...] toda atividade de leitura implica, para o leitor, a percepção e a compreensão de duas instâncias textuais, a que projeta o leitor num universo linguístico, no mundo da língua e seu sistema, e a que projeta o leitor no mundo do uso da língua e seus efeitos de sentido, derivados de uma prática de linguagem contextualizada. Para que essas instâncias sejam atingidas, as atividades de leitura devem estimular, ao lado das atividades de compreensão dos sentidos textuais, a formação de um leitor crítico, aquele que se distanciará do imaginário de um decodificador da palavra (e suas formas), de um mero decifrador de sinais linguísticos. (GUIMARÃES E BATISTA (2012, p.18)

Sendo assim, os alunos precisam realizar leituras eficazes e dialogar com vários tipos de textos, para ir além do processo de decodificação. Para tanto, faz-se necessária a busca e aprofundamento em teorias, como a da Estética da Recepção que possa dar suporte ao professor para que esse se sinta motivado a organizar e planejar estratégias de leitura, nas quais o leitor é envolvido em um processo que o levará a reconhecer que a literatura não se esgota no texto em si, vai muito além dos sentidos textuais.

Enfatiza-se a importância do professor como principal mediador em todo o desenvolvimento da leitura de textos literários, estabelecendo o elo entre literatura e leitor e mostrando que o prazer de ler nem sempre está em leituras simples, mas sim, no crescimento e amadurecimento que se adquire quando se lê, compara, contextualiza, produz e interage com tudo aquilo que um bom texto literário é capaz de proporcionar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As discussões apresentadas desenvolveram-se com o objetivo de não apenas incentivar o letramento literário, mas também de proporcionar aos alunos e professores a ampliação do conhecimento do espaço em que ocupam por meio da literatura. Reafirma-se a necessidade de que esse tipo de letramento deve compor o cotidiano do ensino de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental, pois tem o papel de auxiliar na reflexão e formação do cidadão.

Além disso, quando se pensa em um efetivo trabalho de incentivo ao letramento literário, não se pode esquecer de que este deve ser contínuo, ser parte do planejamento das aulas e demonstrar como o professor pensa a literatura no seu cotidiano. A partir de um trabalho contínuo e planejado, proporcionado por mudanças de atitude com relação às metodologias utilizadas para se apresentar o texto literário aos alunos, é possível levá-los a um encontro prazeroso e ao mesmo tempo responsável com o letramento literário. É imprescindível que a escola assuma a responsabilidade que lhe cabe nesse processo, pois é um dos poucos espaços onde a maioria das crianças têm acesso a esse tipo de conhecimento.

Pretende-se formar sujeitos autônomos, pessoas que tenham ideias próprias, pensem por si mesmas, sejam capazes de escolher entre alternativas, decidam o caminho a ser seguido, implementem ações e tenham argumentos para defender suas escolhas e suas ações. Ao exercer sua autonomia as pessoas vão se sentir mais livres das amarras do poder político e econômico. (ANDRÉ, 2016, p. 20)

Sendo assim, cabe ao docente propor momentos de reflexão em relação a leitura literária e a linguagem, de modo a propiciar oportunidades em que os discentes consigam pensar sobre o verdadeiro significado dessa leitura e de sua relevância, auxiliando os estudantes a perceber a importância que tal prática possui para a vida escolar, pessoal e também para o meio social.

A escola deve garantir o espaço para a diversidade textual. A leitura não pode ser atrelada à obrigatoriedade, a sua imposição desencadeia o desprazer literário e o ensino

gramaticista não auxilia de forma positiva no desenvolvimento da escrita e na criticidade dos alunos. O texto deve ser vivenciado nas aulas de Língua Portuguesa e ser um objeto de estudo para a reflexão linguística e ampliação dos letramentos, contribuindo para o reconhecimento da identidade individual e social do leitor e para o aprendizado da vivência em coletividade.

Ao admitir que o conhecimento é produzido socialmente, num processo de comunicação e de trocas de experiências, defende-se a necessidade de que o aprendizado nas salas de aula inclua aprender a ouvir o outro, a trocar ideias, a compartilhar. (ANDRÉ, 2016, p. 24)

Na verdade, o letramento literário não é uma simples prática escolar, mas um processo desencadeado pela vontade ou necessidade do leitor em interagir com o autor, procurar e produzir sentidos, vivenciar experiências fantásticas, compreender e decifrar a realidade. Isso só será possível pelo ato de ler constantemente obras cada vez mais ricas de significados.

Afinal,

[...] a leitura é a possibilidade de diálogo para além do tempo e do espaço; é o alargamento do mundo para além dos limites de nosso quarto, mesmo sem saímos de casa; é a exploração de experiências as mais variadas, quando não podemos viver realmente de textos (SILVA, 2003, p.25).

É necessário abrir espaço para uma discussão mais ampla sobre conteúdos e metodologias para o ensino de Língua Portuguesa quanto ao letramento literário no Ensino Fundamental, pois surgem questionamentos sobre sua função e importância na educação básica, quanto ao momento destinado a introduzir e reintroduzir os alunos no universo literário.

Nessa etapa da vida do aluno o objetivo é despertar o interesse pela leitura, em especial a literatura clássica universal, e prepará-lo para que tenha condições de se posicionar, comentar, debater e se pronunciar acerca de vários temas sobre o mundo que o cerca. Por isso, o professor não pode deixar de destacar a grande contribuição que os textos literários têm durante o processo de formação do aluno como leitor e na sua condição humana.

A competência profissional do professor relaciona-se, também, à dimensão humana, que valoriza as diferentes relações entre os homens, bem como a capacidade de compreensão, respeito mútuo, colaboração e empatia. Se temos a compreensão de que a profissão docente se justifica pelo compromisso moral e pelo compromisso com a comunidade, a competência profissional torna-se indispensável e sua configuração é possível, entre outros aspectos, mediante a autonomia profissional. (PAPI, 2005, p. 43)

O aluno entrará em contato com a diversidade de gêneros textuais, obras e temas, obtendo ganhos na qualidade de sua leitura e ampliando seu conhecimento acerca da realidade do dia a dia. Com isso, pode-se pensar e reafirmar que o papel do professor como

orientador é de suma importância durante toda a jornada literária e se contribuirá para que o aluno obtenha uma formação integral como leitor, escritor e cidadão ético e consciente e ainda, que sinta um prazer necessário a continuar lendo outras obras literárias, ou relendo ao longo de sua vida.

Segundo Ramalho (2004),

[...] os professores devem ter a convicção de que aprender é uma responsabilidade para toda a vida, é um compromisso profissional, no contexto dos projetos individuais e coletivos segundo suas necessidades e possibilidades. Como profissional, o professor é um agente estimulador de mudanças, um cidadão culto, com motivação sob uma série de valores a compartilhar de forma democrática, negociadora, com seus alunos e colegas, voltando para transformar e, por sua vez, transformar-se nesse processo. (RAMALHO, 2004, p. 66)

A leitura de obras literárias pressupõe a participação do leitor na constituição dos sentidos linguísticos. Embora o aluno possa lançar mão do dicionário para saber o significado de uma palavra, ele nunca exprime o real sentido contextualizado, conseqüentemente, trabalhar a leitura consiste em escolher o significado mais apropriado para as palavras, inclusive conotativo, num conjunto mais amplo de ideias.

Entende-se que as aulas de Língua Portuguesa e o letramento literário devem caminhar juntos, pois só assim será possível formar um leitor consciente de seu papel cooperativo, produtivo e reflexivo. É a partir da sua leitura que o aluno compreenderá a funcionalidade e a beleza do texto literário, transformando-o como ser humano dotado de conhecimentos sobre si e sobre o mundo que o cerca à medida que suas leituras avancem, daí a importância da literatura para formação do aluno. Enfatiza-se que

[...] a literatura é sempre situada num complexo histórico-social (do qual é uma das materializações possíveis) reatualizando continuamente, seja no momento de criação do texto pelo seu autor, seja nas diferentes recriações estabelecidas pelos leitores [...] (GUIMARÃES e BATISTA, 2012, p.22).

Esses leitores também se situam em diferentes momentos histórico-sociais. Como consequência dessa interação autor-leitor, o espaço da literatura é o diálogo entre os sujeitos, “em nome da fruição da leitura, do “prazer do texto” e de seu comprometimento histórico, social e ideológico.” (GUIMARÃES e BATISTA, 2012, p.22). O trabalho com literatura leva o leitor a visitar a história de nossos antepassados, do que construíram e o que herdamos deles. Essa falta de compromisso da literatura com a realidade, muitas vezes é só aparente, pois trata a realidade com bastante propriedade, mais até do que outra forma discursiva.

O letramento literário permite ao professor de Língua Portuguesa, em especial, pensar e repensar sobre o ensino e as estratégias didáticas que devem mediatizar a construção de saberes sobre a língua em seus espaços de tessitura, bem como possibilitar o

fomento dos saberes relativos ao fazer docente. Dessa forma, entende-se que é um passo importante estabelecer uma revisão sobre o ensino de Língua Portuguesa nos anos finais do Ensino Fundamental que inclua os textos literários como parte dele, na medida em que esse tipo de texto contribui para a construção de identidades e saberes tanto de alunos quanto de professores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Vera Teixeira de; BORDINI, Maria da Glória. **Literatura e formação do leitor: alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

CÂNDIDO, Antônio. **A literatura e a formação do homem**. In: Textos de intervenção. São Paulo: Duas cidades. 2004

COSSON, Rildo. **Letramento Literário: teoria e prática**. 2. Ed. São Paulo: Editora Contexto, 2018.

GUIMARÃES, Alexandre Huady Torres, BATISTA, Ronaldo de Oliveira (Orgs). **Língua e literatura: Machado de Assis na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

IMBERNÓN, Francisco. **formar-se para a Formação docente e profissional: mudança e a incerteza**. Trad. Silvana Cobucci Leite. 9.ed. São Paulo: Cortez, 2011.

MAGNANI, Maria do Rosário Mortatti. **Leitura, literatura e escola – sobre a formação do gosto**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

PAPI, Silmara de Oliveira Gomes. **Professores: formação e profissionalização**. São Paulo: Junqueira e Marin, 2005.

PERISSÉ, Gabriel. **Literatura & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

RAMALHO, Betânia Leite. **Formar o professor, profissionalizar o ensino: perspectivas e desafios**. Porto Alegre: 2.ed. Sulina, 2004.

SILVA, Ivanda Maria Martins. **Literatura em Sala de Aula: da Teoria Literária à prática escolar**. 2003.

ZAPPONE, Mirian Hisae Yaegashi. **Estética da Recepção**. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN Lúcia Osana (org). **Teoria Literária: Abordagens históricas e tendências contemporâneas**. Maringá: UEM, 2004.

ZILBERMAN, Regina. **Estética da recepção e história da literatura**. São Paulo: Ática, 2005.